



A Voz e Vez dos Regentes: Desafios e Possibilidades do Estágio Curricular Obrigatório

Tatiana Polliana Pinto de Lima^{ib} • Thaís Aline da Silva dos Santos^{ib}

Resumo

A pesquisa busca compreender as reais possibilidades, os principais desafios e as limitações que compõem o contexto do estágio supervisionado a partir da visão de professores da educação básica que atuam como regentes nos estágios da Licenciatura em Biologia da UFRB. O estágio supervisionado, se realizado com comprometimento por parte dos agentes participantes, se configura um espaço de diálogo entre a universidade e a escola visando à superação de dificuldades e construção de novas maneiras de caminhar os percursos educativos. Para o desenvolvimento da pesquisa, a partir de uma abordagem qualitativa, foram realizadas entrevistas com um professor e duas professoras que relataram os principais desafios e limitações que identificam nesse modelo de estágio que se apresenta. A partir dos relatos dos professores regentes, percebe-se que a maioria das questões colocadas como limitantes ou desafiadoras no contexto do estágio estão relacionadas a posturas incoerentes por parte dos próprios sujeitos que integram o estágio, bem como aspectos relacionados à infraestrutura e ao planejamento das atividades do estágio em consonância com o calendário da escola. Tais aspectos podem ser ajustados mediante o estabelecimento do diálogo entre as instituições formadoras, bem como mediante a presença e a cooperação de todos os agentes envolvidos no processo formativo do estágio.

Palavras-chave: estágio supervisionado, professor regente, Ciências, Biologia

The Voice and the Turn of the Regent Teachers: Challenges and Possibilities of the Mandatory Curricular Internship

Abstract

The research seeks to understand the real possibilities, the main challenges, and the limitations that make up the context of the supervised internship from the perspective of primary education teachers who act as regents in the internships of the Education Degree in Biology at UFRB. The supervised internship, if committed by the participating agents, configures a space for dialogue between the university and the school, aimed at overcoming difficulties and building new ways of walking the educational pathways. For the development of the research from a qualitative approach, interviews were carried out with three teachers were interviewed; during the interviews, subjects reported the main challenges and the limitations that they identified in the presented internship model. From the reports of the regent teachers, it is clear that most of the issues posed as limiting or challenging in the context of the internship are related to incoherent postures on the part of the individuals who take part in the internship, as well as aspects related to the infrastructure and the planning of the internship activities, in line with the school calendar. Such aspects can be adjusted through the implementation of a dialogue between the training institutions and the presence and cooperation of all agents involved in the training process of the internship.

Keywords: supervised internship, regent teacher, Science, Biology

La Voz y el Turno de los Regentes: Desafíos y Posibilidades de la Pasantía Curricular Obligatoria

Resumen

La investigación busca comprender las posibilidades reales, los principales desafíos y las limitaciones que configuran el contexto de la pasantía supervisada desde el punto de vista de los profesores de educación básica que actúan como regentes en las pasantías de la Licenciatura en Biología en la UFRB. La pasantía supervisada cuando se realiza con compromiso por parte de los agentes participantes constituye un espacio de diálogo entre la universidad y la escuela, visando la superación de las dificultades y la construcción de nuevas formas de transitar en los caminos educativos. Para el desarrollo de la investigación, desde un enfoque cualitativo, se realizaron entrevistas a tres docentes quienes reportaron los principales desafíos y limitaciones que identifican en este modelo de pasantía que se presenta. De los relatos de los regentes, se desprende que la mayoría de las cuestiones planteadas como limitantes o desafiantes en el contexto de la pasantía están relacionadas con posturas incoherentes por parte de los sujetos que la integran, así como aspectos relacionados con la infraestructura y la planificación de las actividades de prácticas de acuerdo con el calendario escolar. Tales aspectos pueden ser ajustados a través del establecimiento de diálogo entre las instituciones formadoras, así como a través de la presencia y de la cooperación de todos los agentes involucrados en el proceso formativo del pasante.

Palabras clave: pasantía supervisada, maestro regente, Ciencias, Biología

Introdução

Os estágios supervisionados nos cursos de Licenciatura representam uma oportunidade de formação continuada e aperfeiçoamento profissional para os professores que atuam como regentes. No trajeto formativo docente, quando há comprometimento e envolvimento efetivo com o estágio supervisionado, este se configura como um espaço de troca, de diálogo e aprendizado, de descobertas de novas metodologias a serem experienciadas e novas rotas a serem trilhadas, de superação de dificuldades e construção de novas maneiras de caminhar os percursos educativos, a fim de potencializar o ensino e a aprendizagem (Pimenta & Lima, 2011).

Para tanto, é fundamental aproveitar o momento do estágio não puramente para fins burocráticos, mas perceber o estágio como um espaço concreto de interlocução com os agentes e estruturas intervenientes do processo de ensino e aprendizagem. Logo, o estágio se faz um espaço no qual podemos refletir sobre aspectos do cotidiano e das demandas da organização escolar, a rotina do trabalho docente, o diálogo entre a universidade e a escola básica, as necessidades que se apresentam a essas instituições e seus sujeitos que integram o estágio, de forma a trazer para o debate as realidades presentes nesse contexto. O estágio consiste, portanto, em uma oportunidade de reflexão a partir do confronto com a realidade docente, que possibilita o aprimoramento da formação inicial e continuada.

É a partir dessa reflexão na e sobre a ação que os professores podem analisar, problematizar, criticar e compreender suas práticas, de modo a produzirem significado e conhecimento que os direcionam para as transformações das práticas docentes (Ludke & Cruz, 2005). Nesse sentido, é interessante pensarmos no atual modelo de estágio supervisionado que por nós vem sendo realizado, uma vez que, para que o processo do estágio seja proveitoso para todos os seus atores, é necessário que cada sujeito que integra o estágio mova-se a pensar criticamente e conscientemente acerca de suas próprias concepções sobre o papel formativo do estágio, bem como do aprimoramento de suas práticas docentes realizadas nesse espaço de formação.

Tais modificações de concepções e, principalmente, de práticas demandam esforços dos agentes participantes e se fazem necessárias quando se objetiva contribuir com a melhoria dos processos educativos. Dessa forma, enquanto sujeitos do estágio, é importante dialogarmos e repensarmos o nosso papel e a maneira como estamos desempenhando-o em tal ação formativa. Estagiários, professores regentes, professores coordenadores das disciplinas de estágio e gestores da escola da Educação Básica precisam considerar a necessidade de aprimoramentos em suas próprias práticas e ações desenvolvidas e relacionadas ao âmbito do estágio supervisionado.

Analisar a maneira como o estágio supervisionado vem sendo percebido pelas instituições formadoras que integram esse processo, a saber, a universidade e a escola de Educação Básica, bem como pelos professores, gestores e estagiários que participam desse momento formativo pode constituir-se um ponto norteador para que ocorram mudanças positivas no estágio supervisionado, nas práticas docentes e nas ações educativas de modo geral.

É relevante também refletirmos o fato de que a formação de professores de Ciências e Biologia no Brasil ocorre em um cenário de ênfase às disciplinas de caráter específico (Medeiros & Medeiros, 2020) o qual precisa ser remodelado por meio de uma formação em contínua atualização (Fontoura et al., 2020; Batista et al., 2021; Martins et al., 2021). Nesse contexto, o estágio supervisionado pode atuar como um meio de formação continuada em Ciências e Biologia, possibilitando a pesquisa, a reflexão sobre a prática e identidade docente, a partilha de saberes e a atualização dos conhecimentos em Ciências e Biologia (Moraes et al., 2019).

Nessa perspectiva, o foco da presente pesquisa não reside em apontar lacunas referentes à como o estágio supervisionado, enquanto processo formativo, é percebido pela escola, mas sim evidenciar os saberes que são construídos e deixados na escola após a conclusão do estágio, e a forma como esse processo integra as práticas docentes dos professores regentes. Vem primordialmente como um instrumento para a obtenção de respostas acerca de quais têm sido os reais resultados obtidos por meio dessa parceria estabelecida entre universidade e escola por meio dos estágios supervisionados, bem como para apresentar possibilidades de aprimoramento na compreensão e efetivação do estágio, de forma que seja um processo proveitoso tanto para a formação inicial do licenciando, quanto para a formação continuada do professor regente e para as práticas educativas das instituições formadoras que integram o estágio.

Assim, objetivou-se com o presente artigo compreender as reais possibilidades, os principais desafios e as limitações que compõem o contexto do estágio supervisionado a partir da visão de professores da educação básica que atuam como regentes nos estágios da Licenciatura em Biologia da UFRB.

O Percurso da Pesquisa

O caminho metodológico desta pesquisa foi delineado a fim de compreendermos as percepções dos professores regentes entrevistados acerca dos principais problemas, limitações e desafios encontrados por eles no contexto do estágio supervisionado. Dessa forma, a presente pesquisa, desenvolvida entre os anos de 2018 e 2020, foi construída a partir de uma abordagem qualitativa baseada em observações, coletas e análises de dados obtidos no espaço escolar. A pesquisa abrangeu três escolas de um município do Recôncavo Baiano, sendo duas dessas escolas pertencentes à rede municipal de ensino que oferta os Anos Finais do Ensino Fundamental e uma escola pertencente à rede Estadual de ensino que oferece o Ensino Médio.

Os integrantes da pesquisa foram um professor e uma professora do componente curricular Ciências dos Anos Finais do Ensino Fundamental e uma professora do componente curricular Biologia do Ensino Médio. Esses participantes foram selecionados de acordo com o seguinte critério estabelecido: professores regentes que mais regularmente supervisionam os estágios de observação e regência do curso de Licenciatura em Biologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

Para realizar a coleta dos dados, foi agendado um momento com cada professor regente para realização de entrevista semiestruturada, a qual foi gravada e posteriormente analisada. Optou-se pela utilização da entrevista como meio de obtenção de dados por ser um instrumento bastante pertinente quando há a necessidade de aprofundamento em determinado tema partindo do ponto de vista de outrem. Nesse sentido, foi elaborado um roteiro (Figura 1) composto por perguntas que abrangiam aspectos relacionados às percepções pessoais dos regentes acerca do estágio supervisionado e da recepção dos estagiários, aos problemas e desafios associados ao acompanhamento dos estagiários, à relação da universidade com a escola e à pessoa do professor da universidade, bem como um espaço destinado a sugestões para melhoria do processo do estágio. À medida que as entrevistas foram transcritas, as informações contidas nas respostas dos regentes foram analisadas e direcionadas às perguntas que contemplavam.

Figura 1

Roteiro de perguntas direcionado aos professores regentes entrevistados

Roteiro de perguntas direcionado aos professores regentes entrevistados
— Existem problemas ou limitações na recepção aos estagiários?
— Quais os problemas existentes (se existirem) ao receber estagiários?
— Quais os principais desafios encontrados pelo Sr. no âmbito do estágio?
— Quanto à pessoa do professor da universidade, como é a sua relação com ele (a)?
— O professor da universidade se faz presente na escola?
— (Se sim) Como é essa presença?
— Como o Sr.(a) gostaria que fosse essa relação e presença? Tem alguma sugestão?
— Durante o período do estágio, existe tempo suficiente para trocas entre o Sr.(a) e seus estagiários?
— Quais saberes são/estão sendo produzidos entre o Sr.(a) e os estagiários(as) no âmbito do estágio durante o período em que está como professor regente?
— O Sr.(a) acha que necessita mudar algo neste modelo de estágio que se apresenta?
— Quais as principais deficiências que o Sr.(a) identifica no estágio supervisionado?
— Neste nível específico (Ensino Fundamental/ Ensino Médio), como vê o processo do estágio supervisionado na sua formação?
— E hoje como docente, considera o estágio significativo na sua formação continuada?
— Quais aspectos do estágio você considera mais significativos para a sua formação profissional?
— Quais as suas sugestões (se houver) para a melhoria do processo do estágio supervisionado para todos os agentes envolvidos?

Nesse contexto, de acordo com Flick (2009), os pesquisadores devem realizar suas pesquisas de modo que não causem prejuízo aos sujeitos envolvidos no processo, prezando pelo respeito e considerando os interesses e necessidades dos integrantes. Nesse sentido, os integrantes da pesquisa foram avisados de que seus nomes verdadeiros seriam preservados e substituídos por nomes fictícios, em homenagem a importantes educadores estudiosos do campo do estágio supervisionado, sendo chamados de Miguel, Selma e Maria, de forma a proteger os integrantes e evitar danos ao andamento da pesquisa.

Desafios e Limitações a Serem Superados no Contexto do Estágio Supervisionado em Ciências e Biologia

O estágio curricular obrigatório se caracteriza não como uma etapa formativa momentânea que fomenta a crença limitante sobre a existência de uma dicotomia entre teoria e prática, mas sim como um campo do conhecimento que possibilita a aproximação entre a universidade e a escola básica e traz oportunidades de estabelecer diálogos entre esses diferentes níveis educacionais. Ao transitar pela Universidade e pela Escola, alargando o contato entre essas duas instituições, os agentes envolvidos no estágio tecem uma rede de relações, conhecimentos e aprendizagens cuja compreensão é fundamental para entender os aspectos que permeiam o estágio enquanto processo de formação docente.

Para tal compreensão, as discussões acerca do estágio precisam adentrar a situação real de trabalho, na qual o ponto de vista do professor regente é indispensável para entendermos as reais possibilidades e os entraves que integram esse espaço formativo.

Nessa perspectiva, toda pesquisa sobre o ensino, tem, por conseguinte, o dever de registrar o ponto de vista dos professores, ou seja, sua subjetividade de atores em ação, assim como os conhecimentos e o saber-fazer por eles mobilizados na ação cotidiana [...] A pesquisa sobre o ensino deve se basear num diálogo fecundo com os professores, considerados não como objetos de pesquisa, mas como sujeitos competentes que detêm saberes específicos ao seu trabalho (Tardif, 2012, p. 130).

Lima e Santos (2021) destacam que muitas vezes o contato entre a universidade e a escola básica é realizado ou restabelecido por meio da ida do estagiário à escola com o objetivo de iniciar o estágio supervisionado, a partir do contato inicial com o professor regente que recebe, acompanha, orienta e avalia o licenciando durante o estágio. Assim sendo, é interessante realizar a busca diretamente na fonte, perceber o universo escolar a partir dos olhares internos dos sujeitos que o compõem para melhor identificar os desafios encontrados pelos regentes no estágio. Solicitou-se então que os professores entrevistados descrevessem as principais deficiências, limitações e desafios que identificam nesse modelo de estágio que se apresenta.

Para o professor Miguel, a incompatibilidade dos períodos letivos da escola e da universidade se caracteriza como uma deficiência, pois atrapalha o rendimento e o acompanhamento dos estudantes em ambos os estágios, no estágio de observação e no estágio de regência. É preciso

[...] realizar o planejamento dos estágios em articulação com o planejamento pedagógico das escolas, de tal modo que: as ações se completem; as inovações sejam possíveis; a escola possa ampliar o conhecimento de seus alunos e da comunidade em que está inserida; a pesquisa se instale nas escolas como atividade rotineira e imprescindível à educação escolar básica (Andrade, 2005, p. 25).

O professor Miguel identificou ainda alguns entraves na recepção dos estagiários.

Não há nenhuma limitação burocrática, mas há muitos gargalos da educação a serem enfrentados, como indisciplina, falta de motivação dos alunos, falta de espaços físicos adequados para o desenvolvimento de algumas práticas pedagógicas (Professor Miguel, 2019).

Por sua vez, a professora Selma acredita que a falta de rotatividade dos estagiários entre os diferentes anos dos Anos Finais do Ensino Fundamental é uma das deficiências dos estágios.

O pessoal chega no estágio dizendo que gosta do 6º ano. Uns pela idade, outros pelo assunto. Outros gostam de animais, seres vivos, vão pro 7º ano. Outros gostam do 8º ano e ninguém quer ir pro 9º ano. Então se houvesse uma rotatividade, você

às vezes pensa que se identifica mais com o 6º ano, e você vai se surpreender com o que vai fazer no 8º ano ou no 9º ano. [...] na vida profissional a gente não trabalha só com o que tem afinidade (Professora Selma, 2019).

A professora revelou não haver problemas e limitações na recepção dos estagiários, e que quando surge alguma demanda, essa é resolvida por meio do diálogo. De acordo com Pimenta e Lima (2004), por meio do diálogo pedagógico entre estudantes-estagiários e professores formadores é possível ressignificar práticas e delinear novos caminhos para o estágio.

Para a professora Maria não existem deficiências, porém afirma que alguns estagiários chegam ao campo de estágio despreparados, e essa é a principal carência que ela identifica no estágio.

Não vejo como deficiência. Vai depender muito do estudante. Porque o professor na universidade dá o suporte, mas esse suporte não chega aqui. Então, não tenho como julgar como uma falha. Mas depende da dedicação, da afinidade, da forma de ser dele. A gente sabe que tem estudante que chega ao estágio e ainda nem sabe se vai querer ou não ser professor. Às vezes acontece de planejar e não ter o resultado esperado (Professora Maria, 2019).

Desta feita, Zabalza (2014) salienta a relevância do envolvimento efetivo e do compromisso do estagiário, e ressalta que é importante que o estagiário cumpra adequadamente o seu papel, visando a um bom funcionamento do estágio. Quanto às limitações na recepção dos estagiários, Maria apontou o espaço como um empecilho em função da estrutura física da escola, a qual considera pequena, bem como o tempo, em razão da sua carga horária docente, visto que trabalha em duas escolas.

Quando questionado sobre as situações desafiadoras relacionadas ao estágio, o professor Miguel demonstrou-se um tanto envergonhado em sua fala, quando diz que o desafio do estágio se encontra em demonstrar a realidade da escola, em razão do mau comportamento de seus estudantes frente aos estagiários.

É constrangedor ver uma turma com comportamento inadequado diante dos estagiários recém-chegados. Com o tempo eles e eu nos acostumamos (Professor Miguel, 2019).

Ainda sobre os desafios do estágio, Selma compreende que lidar com algumas maneiras no proceder dos estagiários é uma situação desafiadora e traz que há certas dificuldades por parte deles, relacionadas ao cumprimento dos horários e ao planejamento de forma geral.

Se o data show não funcionar, não puder reservar naquele dia, desarma alguns estagiários. [...] eu fico agoniada quando o estagiário tem problemas com relação ao tempo. [...] A gente tem que se programar pra 50 minutos. Um dos grandes desafios é aquele que corre demais e quer liberar o menino faltando meia hora. [...] Têm outros que querem passar pra aula do outro professor porque precisam terminar. [...] O nosso tempo precisa acompanhar o tempo da escola. A gente está em um sistema que é o sistema da escola (Professora Selma, 2019).

Consequentemente falta organização e cumprimento de prazos, o que é perceptível na seguinte fala da professora:

[...] Outra dificuldade é de mandar a prova elaborada. Outra coisa é o registro, porque o exercício facilita a retomada dos conteúdos. Alguns estagiários não têm essa prática. [...] a gente cria uma expectativa. A pessoa senta com você, fala que vai fazer isso e aquilo, e quando você acompanha a pessoa às vezes não faz. Porque a realidade da escola pública é outra (Professora Selma, 2019).

No sentido dos desafios inerentes ao estágio supervisionado, a professora Maria apresentou uma perspectiva semelhante à professora Selma, pois seu maior desafio enquanto regente foi em relação ao comportamento de um estagiário.

Um aluno que não frequentou. E eu me senti muito mal porque foi uma situação diferente para mim, chegar no final e ter que dizer: você está reprovado. Não tinha como entregar a avaliação pra ele. Eu me senti mal não por ter reprovado, porque esse era realmente meu papel. Mas é uma situação constrangedora. A sorte foi que era estágio de observação. Não foi de intervenção [...] A universidade entrou em contato comigo e eu expliquei que ele não frequentou e infelizmente eu não podia dar nenhuma declaração (Professora Maria, 2019).

Embora a fala apresentada acima evidencie uma situação desconfortável para a professora Maria, ela revela também a autoconfiança da professora como regente, fator que permite à professora lidar adequadamente com as diversas circunstâncias que se apresentam no contexto do estágio. O professor regente que, no percurso do estágio, se reconhece como ser em contínua formação e como colaborador na formação docente dos estagiários, jamais realiza as atividades do estágio de maneira puramente burocrática, mas percebe no estágio um processo de aprendizagem mútua, de troca de conhecimentos, de interação, intervenção e contribuição para com o espaço escolar (Lima & Santos, 2021).

Certamente, é preciso considerar os desafios que são enfrentados pelos professores que recebem os estagiários para continuar realizando essa ação. Esses contratempos, porém, não precisam ser encarados de forma desanimadora, mas, de maneira oposta, podem servir de motivação à práxis docente, atribuindo maior significado ao trabalho de supervisão do estágio. Para Pimenta e Lima (2004) “[...] a reflexão pode ser ancorada [...] na análise das dificuldades que enfrentam para realizar um bom trabalho e, ao mesmo tempo, no levantamento das possibilidades do professor em seu cotidiano e da escola como organização” (p. 132).

É sabido que ao longo de sua carreira docente, além de ministrar aulas, o professor é convocado a realizar tarefas diversificadas e desafiadoras, dentre as quais se encontra a supervisão de estudantes-estagiários em formação para o magistério e a formação continuada (Tardif & Lessard, 2012). De acordo com os autores citados “o ensino é uma ocupação cada vez mais complexa que remete a uma diversidade de outras tarefas além das aulas em classe (Tardif & Lessard, 2012, p. 133)”. A complexidade dessa profissão, contudo, é, por vezes, incompreendida e silenciada.

Sendo assim, os regentes integrantes da presente pesquisa foram convidados a explicar de que maneira a supervisão dos estágios de observação e regência influencia nos seus encargos docentes. Para o professor Miguel a responsabilidade aumenta dentro da sala de aula, principalmente no estágio de observação, no tocante a manter o controle da turma na presença dos estagiários.

Confesso que, a princípio, o controle de turma é um tanto complicado, sobretudo no estágio de observação. A clientela dos alunos apresenta comportamentos variados diante da presença dos estagiários. Comportamentos que, muitas vezes, nos deixam constrangidos (Miguel, 2019).

Embora afirme que a gestão da sala de aula se torna um pouco mais complexa quando há estagiários de observação, o professor Miguel comentou que procura usar essa situação para mostrar aos estagiários que esta é uma realidade que estes enfrentarão em suas carreiras, numa intensidade maior ou menor. Tardif e Lessard (2012) destacam que a gestão de grupo está intimamente relacionada ao ensino e a aprendizagem da matéria no desenvolvimento da aula, momento de culminância da prática docente, e salientam que este é um importante ponto do trabalho docente, o qual possibilita o desempenho dos estudantes de forma coletiva.

As percepções das professoras Selma e Maria no tocante à forma que a supervisão dos estágios integra os seus trabalhos docentes foram muito parecidas. No ponto de vista de Selma o estágio contribui para o aumento da carga de trabalho do professor, mas não necessariamente denota em sacrifício.

Eu não vejo como atrapalhar a nossa carga. Mas eu percebo um aumento de trabalho porque há uma preocupação. Você tem uma turma, empresta essa turma, quando você voltar pra essa turma ela tem que estar mais ou menos como ela foi entregue. Então, nesse aspecto eu enxergo que a gente acaba fazendo algumas correções. Aumenta minha responsabilidade porque é como seu estivesse formando, juntamente com o professor de estágio, o futuro docente. Eu me sinto dessa forma. [...] a gente se sente professor daquele aluno porque em muita coisa a gente orienta. [...] É uma parceria que a gente estabelece. [...] A carga aumenta, mas não é um sacrifício. É uma carga que aumenta, mas é prazeroso (Selma, 2019).

Para Maria, supervisionar o estágio não é um peso, mas traz certa responsabilidade. Ela destaca que muitas vezes, o papel de observador do professor regente não é visto como um trabalho, porque muitos não entendem a proposta do estágio. Porém, explica que:

Tem todo um diálogo antes. Eu sempre peço que prepare o material e mande pra mim, eu olho com antecedência. Se for um slide eu faço sugestões de alteração do tamanho de letra, de imagem. Se for um material pra reproduzir sempre passa por minha supervisão. Eu também me disponho se houver dificuldade com algum conteúdo, peço que venha um dia antes, a gente senta e conversa, pois esse é o meu papel (Maria, 2019).

De acordo com Tardif e Lessard (2012), a supervisão dos estágios, quando realizada com seriedade, demanda disponibilidade, compreensão, afinidade e competência da parte dos professores que recebem estagiários, e frisa que a função de professor regente,

[...] compreende diversas atividades diferentes: avaliação das atividades dos estagiários, colaboração com os supervisores universitários, participação em atividades de formação, encontro com os professores associados, encontros com a direção da escola, gestão dos orçamentos de estágios, etc (Tardif & Lessard, 2012, p. 138).

Logo, por ser uma atividade de extrema importância para a formação docente inicial e contínua, pautada em ações e diálogos múltiplos por parte do professor regente e que demanda comprometimento profissional, é perceptível que o acompanhamento dos estagiários traz uma maior intensidade ao trabalho docente.

Uma vez que o estágio supervisionado se caracteriza como um processo integrativo, na relação universidade-escola básica, o estágio representa um elo entre essas duas instituições educativas essenciais à formação de professores. De um lado, o professor da universidade almeja inserir os licenciandos no ambiente escolar de forma que os futuros professores atuem de maneira reflexiva e participativa. Do outro lado, o professor da escola básica busca partilhar saberes que contribuam com a formação dos licenciandos para a sala de aula e para além dela.

Entretanto, Zabalza (2014) aponta que o estágio não se define apenas como o envio dos estudantes à escola campo para que nela passem determinado período e realizem ações que lhes forem possíveis e permitidas, mas sim como um espaço de múltiplas possibilidades: aprofundamento das experiências, construção da identidade profissional, continuação da formação, entre outros aspectos. Por isso, é preciso que os representantes de ambos os polos — universidade e escola da Educação Básica — estejam alinhados para o desenvolvimento de um estágio com foco na aprendizagem e na ação reflexiva. Nesse sentido,

A análise e a reflexão não deveriam se projetar apenas sobre as ações profissionais levadas a cabo no estágio e sobre sua pertinência técnica, mas deveria ampliar-se à consideração de todo o âmbito institucional e social em que estas se produzem (Zabalza, 2014, p. 185).

Desta forma, as relações construídas entre universidade e escola no âmbito do estágio têm sido bastante discutidas, sobretudo, no que diz respeito à eficiência das atividades desenvolvidas e à qualidade do ensino em ambas as esferas educativas. Se por um lado a universidade questiona a falta de colaboração de algumas escolas no que concerne a sua disponibilidade para a realização de pesquisas, em contrapartida, as escolas da Educação Básica criticam a falta de retorno das pesquisas realizadas pela universidade, a maneira como os estágios são conduzidos, a interrupção de ações e a ausência de colaboração prática que intermedeiam os momentos de ensino, o que demanda novas diretrizes para tal relação (Tauchen et al., 2014).

Sabe-se que, na esfera do estágio, a escola se caracteriza como o principal local de encontro dos saberes da Educação Básica com a Educação Superior. Pimenta e Lima (2004) consideram que “a escola será sempre o ponto de partida e de chegada nos estágios e nas ações de formação contínua de professores” (p. 138). Entretanto, Tardif (2012) retrata um distanciamento existente entre os professores dos diferentes níveis de ensino, inclusive entre professores da escola básica e os professores da universidade.

Sobre a relação com os professores da universidade e a presença deles na escola, o professor Miguel considera que o contato é limitado, mas satisfatório, uma vez que existe parceria e confiança. Mas ressalta que, em alguns casos, essa presença é quase uma ausência.

Um contato inicial de agradecimento pelo aceite do estagiário e um contato quase no final do período de estágio para presenciar uma ou duas aulas dos alunos. Não é crítica, só uma verdade que os próprios professores podem assegurar (Professor Miguel, 2019).

A professora Maria também considera que esse contato ainda se faz insuficiente. De estágio ainda existe uma falha de comunicação. A gente se fala muito pouco. [...] Às vezes o professor da universidade vem aqui no começo, assiste uma aula e vai embora. [...] eu acho que ainda existe um distanciamento. Eu entendo em partes, porque é cada um na sua correria, no seu trabalho, mas a gente tem que ajustar algumas coisas nessa relação entre o professor da universidade e a escola (Professora Maria, 2019).

A presença e a comunicação é uma questão relevante a ser considerada para um bom desenvolvimento do estágio, pois,

Dada a complexidade de um processo formativo que se desenvolve fora da instituição formadora, uma atividade que envolve diversas instituições e pessoas, que se desenvolve em diversas fases e com objetivos normalmente complexos, a tarefa de supervisão se torna ainda mais importante (Zabalza, 2014, p. 221).

Na visão da professora Selma, até o momento, a sensação é que o contato entre ela e os professores universitários acontece de forma adequada e a professora diz se sentir acolhida por eles.

Eles fazem questão de fazer o contato antes com a gente. [...] Pós-contato a gente também acaba se falando. Eu só tive um professor da UFRB que mandou alunos pra observação, não entrou em contato conosco e nem foi ver os alunos. [...] Mas ainda assim não houve problemas porque ele estava com estagiários super responsáveis (Professora Selma, 2019).

Para alguns professores universitários coordenadores do estágio supervisionado, o diálogo com os professores da educação básica é desnecessário. Tardif (2012) chama a atenção para a existência de “[...] professores que nunca colocaram os pés numa

escola ou, o que é ainda pior, que não demonstram interesse pelas realidades escolares e pedagógicas” (p. 241). Tais professores deveriam considerar, porém, que por meio desse contato com a escola e da supervisão é que

[...] se ajustam os propósitos formativos do estágio, se controlam os possíveis desvios do sentido geral do plano de práticas, se potencializa a sinergia entre os diversos envolvidos, especialmente entre coordenadores e estagiários, e se orienta a cada estudante em particular sobre como está enfrentando e vivenciando a experiência (Zabalza, 2014, p. 221).

No desenrolar da pesquisa, os regentes foram questionados sobre como gostariam que a presença do professor universitário acontecesse. O professor Miguel respondeu da seguinte maneira:

No estágio de observação não vejo muita necessidade da presença do professor da instituição, pois acredito que o foco dele não seja me ver dando aula. Mas no período de regência acredito que a presença do professor poderia ser mais efetiva e pelo menos três vezes durante o período (Professor Miguel, 2019).

A professora Maria corrobora essa ideia de ampliação da comunicação, sugerindo que:

[...] a universidade, após estes alunos concluírem o TCC, enviar pra escola a relação desses TCCs que foram defendidos pelos estagiários, e a escola agendar uma apresentação desses trabalhos para os professores da escola. [...] A gente teria um retorno não só para o professor, mas pra escola como um todo (Professora Maria, 2019).

Nessa fala a professora Maria traz à tona um ponto importante, que é o retorno das pesquisas desenvolvidas pela universidade nas escolas da Educação Básica. Muitas vezes a ausência de um retorno da parte dos representantes da universidade para a Escola Básica faz com que os sujeitos da escola sintam-se apenas um objeto para a obtenção de informações, pois não recebem dos pesquisadores universitários os resultados das pesquisas realizadas para que possam amenizar algumas questões do cotidiano escolar.

Esse aspecto é trazido por Pimenta e Lima (2004), uma vez que as autoras destacam que quando nos achegamos às realidades do estágio de forma desintencional, acrítica, essa aproximação não se faz suficiente para compreender as ações formativas realizadas nas dimensões do processo do estágio. Tal aproximação só tem sentido quando carregada de envolvimento e finalidade, que possibilitem apropriação, análise e questionamento crítico dessa realidade, a fim de transformá-la. Para Zabalza (2014), se não existir um compromisso real por parte das pessoas e instituições encarregadas do seu desenvolvimento, o estágio não acontece de forma satisfatória.

Essa circunstância pode se constituir uma ameaça à relação universidade-escola básica, uma vez que pode contribuir para que os sujeitos da escola acreditem que os dados colhidos estão sendo usados apenas para tecer críticas ao trabalho escolar, e, conseqüentemente, colaborar para que as escolas campo se fechem à realização de estágios e pesquisas.

Tendo em vista ultrapassar esse desacerto e manter a vinculação entre a universidade e a escola da Educação Básica ativa e duplamente proveitosa, Pimenta e Lima (2004) ressaltam a importância de se promover no estágio “[...] um processo interativo de reflexão e análise crítica em relação ao contexto sócio-histórico e as condições objetivas em que a educação escolar acontece” (p. 102), uma vez que “compreender a escola em seu cotidiano é condição para qualquer projeto de intervenção” (p. 104).

A professora Selma afirmou estar satisfeita com a frequência com a qual o professor universitário vai à escola e expressou um sentimento de empatia e flexibilidade levando em consideração a rotina desse docente:

[...] ele não tem só aquele estagiário, naquela escola, além de ter outras demandas na universidade com as aulas, orientações, programas que eles fazem parte. Eu não vejo aquela necessidade do professor estar conosco o tempo todo. Até porque a gente recebe uma carta onde tem o contato e o e-mail do professor. Caso ocorra qualquer problema durante o período do estágio a gente entra em contato com o professor (Professora Selma, 2019).

É preciso que essas duas instituições apresentem-se disponíveis e acessíveis, objetivando o diálogo efetivo entre ambas as partes. Tardif (2012) defende a unidade da profissão docente desde a Educação Básica até o ensino universitário. Este autor afirma que “diante de outro professor, seja ele do pré-escolar ou da universidade, nada tenho a mostrar ou a provar — mas posso aprender com ele a realizar o nosso ofício comum” (Tardif, 2012, p. 244). Dessa maneira, se faz necessário buscar a conexão dos atores que constituem essa parceria na dimensão do estágio de modo a torná-lo mais satisfatório e positivo para todos os agentes envolvidos.

Tardif (2012) nos esclarece que quando se almeja “[...] saber como realizar um trabalho qualquer, o procedimento mais normal consiste em aprendê-lo com aqueles que efetuam esse trabalho” (p. 241). Partindo dessa colocação, os regentes entrevistados foram convidados a expor suas opiniões sobre as necessidades de melhorias para o modelo do processo de estágio supervisionado que está posto e a deixar propostas sugestivas que auxiliem no traçar de novas rotas para o estágio supervisionado obrigatório do curso de Licenciatura em Biologia da UFRB.

O professor Miguel elencou alguns pontos nos quais acredita ser necessário investir em melhorias:

Talvez os desencontros entre o calendário das instituições [...] outra questão são as fichas de avaliações de estágio de observações e regência que, em minha opinião, devem ter critérios específicos ou diferentes. São as mesmas para os dois. [...] Não por mim, mas pelos alunos, talvez deva ocorrer mais visitas por parte dos professores da universidade durante o período de estágio de regência. [...] É preciso também rever, informar melhor o que é ou quais são os critérios da coparticipação para o estágio de observação (Professor Miguel, 2019).

A professora Selma traz em sua fala um novo desafio ao estágio supervisionado: ajustar os propósitos desse processo formativo à luz da Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

Talvez fosse mais trabalhoso, mas seria mais interessante o estudante perpassar do 6º ao 9º ano, principalmente agora com a BNCC. [...] hoje não é mais Ciências. É Ciências da Natureza. E como a gente está em Ciências Naturais, ter que saber sobre tudo. [...] Então eu sinto falta no estágio dessa rotatividade, que talvez demandasse mais tempo de estágio, o que seria mais complicado tanto para o professor da universidade como para o aluno. Seria mais trabalhoso, porque o aluno planeja tudo dentro daquela série, daquela idade, com o que ele tem afinidade (Professora Selma, 2019).

Num momento de ampla discussão sobre a BNCC pode ser interessante pensar em um novo planejamento para o estágio. Essa elaboração pode ser melhor desenvolvida se dela participarem todos os agentes envolvidos, considerando as novas demandas e necessidades que se apresentam às instituições e sujeitos participantes (Zabalza, 2014).

A professora Maria sugere o estreitamento da conexão entre a universidade e a escola nos seus mais diversos sentidos:

Eu não sei como fazer, mas é preciso estreitar a parceria e o diálogo. Principalmente entre o professor da escola e o professor da universidade. Precisa melhorar esse contato. Porque meu contato é mais direto com o estudante. A proposta de apresentar o TCC, pra fazer com que não apenas eu que sou a supervisora, mas que a escola perceba um valor. Ou talvez deixar um material pra escola. De repente cada estagiário deixar um material permanente na escola. Na Biologia pode ser um material de aula prática, um modelo (Professora Maria, 2019).

E complementa enfatizando a importância de trazer os resultados da pesquisa à escola concedente:

Pode ser simplesmente o retorno da análise dos dados, ou um retorno com uma ação. Aqui os meninos gostam muito de visitar a UFRB, porque tem alunos que nunca foram. Então, poderia ter um momento de estar mais presente, dessa turma que recebeu o estagiário fazer uma visita orientada, até pra estimular, fazer a divulgação do curso de Biologia, de outros cursos (Professora Maria, 2019).

Além de uma oportunidade de aprendizagem da profissão, visto que é no chão da escola que a arte da docência se constrói, o estagiário pode atuar como um mediador desse retorno do conhecimento, atribuindo significado à sua presença na escola, uma vez que “há grande necessidade de o estagiário construir um lugar na escola, dentro das relações em que participa” (Pimenta & Lima, 2004, p. 116).

O estagiário que possui um olhar investigativo atento é capaz de abrir um leque de questões sobre o cotidiano escolar, que possibilitam a ele aprender a profissão docente e construir a sua identidade profissional, em um movimento de participação, conquista e negociação do seu espaço na escola e, ao mesmo tempo, de contribuição com as práticas escolares (Pimenta & Lima, 2004).

Atentando-se às relações e conexões da escola com o sistema social mais amplo e relacionando-as com as teorias estudadas, formadores e formandos são capazes de encontrar maneiras de interação e intervenção que confirmam mais legitimidade à sua presença no espaço escolar (Pimenta & Lima, 2004). Essa presença, se bem construída, torna-se peça fundamental para contribuir no fortalecimento da parceria entre a universidade e a escola básica.

Tenhamos em vista que

A possibilidade de ampliar nossos conhecimentos sobre o estágio, de melhorar seu desenho e desenvolvimento, de reforçar suas contribuições formativas, melhorar as condições de seu desenvolvimento interinstitucional, entre outros, depende em grande medida da acumulação de experiência e dados sobre o que vamos fazendo (Zabalza, 2014, p. 263-264).

Assim sendo, acreditamos ser possível a partir da reunião e análise desses dados e relatos de experiências (re) pensar a (re) elaboração de um modelo de estágio de qualidade e proveitoso a todos os agentes envolvidos no processo. Para tanto, as instituições de ensino e seus sujeitos precisam estar de fato dispostos a realizar seus trabalhos de forma sistêmica e cooperativa, pois só assim a parceria entre a universidade e a escola básica no contexto do estágio supervisionado possibilitará mudanças formativas, as quais culminarão em progresso tanto para o Ensino Básico quanto para o Ensino Superior.

Considerações Finais

Dialogar sobre o estágio pode parecer (não que seja) uma tarefa simples quando se parte do ponto de vista da formação inicial de professores. Entretanto, refletir o modelo de estágio supervisionado em vigência a partir das percepções e das expectativas dos professores que atuam como regentes nesse processo exige um olhar ainda mais cuidadoso, compreensivo e crítico acerca do estágio que por nós tem sido realizado.

Durante a coleta de dados para realização desta pesquisa, em uma tentativa de aproximar-se de uma escola da educação básica receptora de estagiários da Licenciatura em Biologia da UFRB, ficou evidente que o diálogo não seria simples. Em uma conversa inicial com uma professora regente e com a coordenadora pedagógica da escola (não integrantes desta pesquisa), ambas teceram uma série de críticas à maneira como tem se dado a relação de alguns professores universitários coordenadores do estágio com a escola e mostraram-se desapontadas frente às atitudes ou mesmo à inércia desses professores, que aparentam servir-se dos dados coletados na escola e não retornam para fornecer as devidas satisfações à gestão escolar. Ou que apenas enviam os estagiários à escola-campo e não realizam nenhuma visita para dialogar com os sujeitos da escola.

Esse cenário, juntamente com algumas das falas dos professores regentes participantes deste estudo, fornece um alerta aos envolvidos na organização do estágio supervisionado, visto que muitos dos problemas e desafios relatados pelos professores regentes acerca do estágio são relacionados a posturas incoerentes dos estagiários ou dos professores coordenadores do estágio.

Tenhamos em vista que a presença dos estagiários e as visitas dos professores universitários na escola se configuram como uma parte da universidade inserida no espaço escolar. Do mesmo modo que as questões da escola básica, num movimento de retorno, mas não contrário, são levadas à universidade na intenção de melhor conhecê-las e analisá-las de forma que, conjuntamente, universidade e escola possam intervir a respeito delas.

O estágio permite difundir na escola básica os saberes que são construídos na universidade, o que pode servir como um estímulo aos seus sujeitos na perspectiva de democratizar a qualidade do ensino e apontar ao seu público um direcionamento a ser seguido na busca pela realização pessoal e profissional futura. Da mesma maneira, trazer aos sujeitos da universidade a realidade e demandas da Educação Básica pode contribuir para que haja o estreitamento de uma parceria bastante necessária quando se pensa na formação docente de forma geral.

Nesse sentido, é interessante também que as atividades e produções do estágio impliquem nas práticas escolares, seja pela produção de material didático que fique disponível para utilização pelos professores e estudantes, o que, segundo os regentes entrevistados, ainda não tem acontecido; seja por meio da aplicação de projetos de intervenção que alcancem um maior número de estudantes e professores, e se estendam para além da sala de aula da turma que recebe os estagiários.

Em suma, é preciso a cada uma das partes integrantes do estágio, primeiramente, conscientizar-se da importância atrelada a esse processo para as pessoas e instituições que dele participam. Há uma importância vinculada ao estágio supervisionado para a universidade e professores universitários. Há uma importância vinculada ao estágio supervisionado para os estagiários. Há uma importância vinculada ao estágio supervisionado para os professores regentes da escola básica. Há uma importância vinculada ao estágio supervisionado para a escola concedente. Há uma importância vinculada ao estágio supervisionado para a educação de forma integrada.

Prontamente, a partir dessa tomada de consciência acerca da relevância do estágio, é fundamental a assunção de uma postura responsável e pautada no compromisso na qual cada um dos agentes participantes do estágio aproprie-se do seu papel visando estreitar a relação entre a universidade e a escola básica. Caso assim não se faça, num futuro não muito distante o processo do estágio poderá ser prejudicado, sobretudo, pela diminuição de escolas-campo dispostas a receber estagiários e a participar de pesquisas e projetos propostos pelos professores representantes da universidade.

Outros aspectos tais como problemas de infraestrutura, desencontros entre o calendário escolar e o cronograma da universidade ou relacionados ao planejamento das atividades realizadas no âmbito do estágio podem ser ajustados por meio do diálogo e da comunicação entre as instituições formadoras, da escuta das demandas dos sujeitos intervenientes do estágio mediante a presença e a cooperação de todos os agentes envolvidos nesse processo formativo.

Considerar as limitações e desafios que perpassam o trajeto dos professores em suas atuações como regentes no contexto do estágio e a maneira como esses professores se direcionam na busca por alinhar tais situações pode representar um importante passo para nos orientarmos por um caminho de melhoria dos aspectos que ainda se encontram pendentes no estágio, tendo em vista o aprimoramento da articulação entre universidade e escola, fator essencial para uma formação de professores satisfatória.

Referências

- Andrade, A. de. (2005). O estágio supervisionado e a práxis docente. In M. L. S. F. da Silva (org.), *Estágio curricular: Contribuições para o redimensionamento de sua prática* (pp. 21–26). EdUFRN.
- Batista, S. do N., Oliveira, E. S. de, & Montenegro, A. K. A. (2021). A identidade profissional do professor de Ciências e Biologia no Brasil. *Humanidades & Inovação*, 8(42), 132–146. <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/4461>
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. Artmed.
- Fontoura, H. A., Pereira, E. G. C., & Figueira, S. T. (2020). Formação de professores de Ciências no Brasil e alfabetização científica: Desafios e perspectivas. *Uni-pluriversidad*, 20(1), 103–126. <https://doi.org/10.17533/udea.unipluri.20.1.07>
- Lima, T. P. P de, & Santos, T. A. da S. dos. (2021). A experiência como professor (a) regente nos estágios curriculares obrigatórios: narrativas docentes sobre a recepção dos estagiários de Ciências e Biologia nas Escolas da Educação Básica. *Quaestio — Revista de Estudos em Educação*, 23(2), 563–583. <https://doi.org/10.22483/2177-5796.2021v23n2p563-583>
- Lüdke, M., & Cruz, G. B. da. (2005). Aproximando universidade e escola de educação básica pela pesquisa. *Cadernos de Pesquisa*, 35(125), 81–109. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742005000200006>
- Martins, I. K. M. de O., Mendes, M., & Soares, Z. M. P. (2021). Relato de experiência no contexto do estágio curricular obrigatório: contribuições para a formação de professores de Ciências e Biologia. *Revista de Educación en Biología*, 24(2), 111–122. <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/revistaadbia/article/view/31073>
- Medeiros, E. A. de, & Medeiros, M. L. S. de. (2020). Licenciaturas em Ciências Biológicas: análise de currículos de formação de professores para o ensino de ciências e biologia. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 15(4), 1967–1990. <https://doi.org/10.21723/riaee.v15i4.13642>
- Moraes, C. B., Guzzi, M. E. R., & Sá, L. P. (2019). Influência do estágio supervisionado e do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) na motivação de futuros professores de Biologia pela docência. *Ciência & Educação*, 25(1), 235–253. <https://doi.org/10.1590/1516-731320190010015>

Pimenta, S. G., & Lima, M. do S. L. (2004). *Estágio e docência*. Cortez.

Pimenta, S. G., & Lima, M. do S. L. (2011). *Estágio e docência*. Cortez.

Tardif, M. (2012). *Saberes docentes e formação profissional*. Vozes.

Tardif, M., & Lessard, C. (2012). *O trabalho docente: Elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. Vozes.

Tauchen, G., Devechi, C. P. V., & Trevisan, A. L. (2014). Interação universidade e escola: uma colaboração entre ações e discursos. *Revista Diálogo Educacional*, 14(42), 369–393. <https://doi.org/10.7213/dialogo.educ.14.042.DS03>

Zabalza, M. A. (2014). *O estágio e as práticas em contextos profissionais na formação universitária*. Cortez.

 **Tatiana Polliana Pinto de Lima**

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Cruz das Almas, Bahia, Brasil
tatianalima@ufrb.edu.br

 **Thaís Aline da Silva dos Santos**

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Amargosa, Bahia, Brasil
thais.alinesilva@gmail.com

Editora Responsável

Aline Andréia Nicolli

Manifestação de Atenção às Boas Práticas Científicas e de Isenção de Interesse

Os autores declaram ter cuidado de aspectos éticos ao longo do desenvolvimento da pesquisa e não ter qualquer interesse concorrente ou relações pessoais que possam ter influenciado o trabalho relatado no texto.
